

O sofrimento vivenciado no espaço universitário: o assédio moral e seus efeitos na vida do estudante

Resultado de investigação realizada, através do Programa de Bolsa de Iniciação Científica, PIBIC/CNPq, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Alagoas, no período de 2011 a 2012.

GT 26- Sociologia do corpo e as emoções

Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira

RESUMO

Reflexões em torno dos efeitos subjetivos vivenciados pelos estudantes universitários que sofrem em função dos gestos, atitudes e palavras agressivas, humilhantes e constrangedoras produzidas pelos professores no espaço de sala de aula. Argumentamos em defesa da definição dessas práticas como assédio moral, mesmo considerando que essas relações acontecem no espaço educacional. O sofrimento provocado pelo assédio moral contra os estudantes pode ser uma variável importante para compreensão dos altos índices de evasão e abandono dos cursos universitários por parte das vítimas de assédio.

Palavras-chaves: Assédio Moral, Sofrimento, Processo Educacional.

1. Introdução

A sociedade contemporânea tem assistido e participado da constituição de uma lógica societária extremamente complexa onde, a despeito dos largos avanços científicos e tecnológicos, vê crescer situações que exibem dores e sofrimentos produzidos pelos próprios sujeitos sociais. A violência, a intolerância, a indiferença, a exclusão, as práticas de humilhação, dominação, repressão, perseguição e ameaça, e tantas outras atrocidades expõem, a olhos nus, a capacidade destrutiva e malvadez que, evidentemente, não se restringem ao ser humano das gerações mais recentes que inauguram o novo milênio. Ao contrário, muitos atos de atrocidade, perversidade e maldade acompanham toda a história das civilizações há milhares de anos; ou seja, desde que começamos a fazer os primeiros registros históricos dos processos civilizacionais se registram cenas e situações destrutivas inerentes à própria condição humana¹. Sendo assim, não temos dúvidas de que a cada época histórica temos sido capazes de produzir horrores, situações dramáticas, fruto de decisões e ações humanas, sendo difícil afirmar se teria existido um tempo de maior crueldade e violência no percurso da história humana.

Nosso interesse pela temática do assédio moral, como mais uma expressão da violência existente na contemporaneidade, surge da perplexidade provocada ao ver ou tomar conhecimento da existência de professores que fazem uso de sua posição de alteridade frente a um estudante, para agir com atitudes perversas e agressivas, transformando o espaço da sala de aula em verdadeiros campos de tortura, de dor e sofrimento? Como é possível professores fazerem tão mal o uso de sua autoridade, inferiorizando os estudantes, fazendo-os sentirem-se impotentes, inseguros e incapazes, não só de se defender, mas também de denunciar o crime do qual estão sendo vítimas, quando são maltratados e envolvidos numa espécie de servidão voluntária²? Essas foram inquietações que nos mobilizaram para realização dessa pesquisa que aconteceu no período entre 2010 e 2011, com financiamento do CNPq, através do programa de Bolsa de Iniciação Científica³, onde buscamos identificar as práticas de assédio moral circunscritas ao espaço universitário, destacando o assédio cometido por professores contra os estudantes.

Buscamos apreender, com nossa pesquisa, os efeitos subjetivos que as experiências de assédio moral produzem na vida dos estudantes que desenvolvem atividades de ensino, pesquisa e extensão no *campus* da UFAL, na cidade de Maceió. Buscamos construir uma tipologia das várias práticas de assédio moral produzidas contra os estudantes vinculados às três grandes áreas de conhecimento: ciências humanas, ciências exatas e ciências da saúde. Partimos do pressuposto de que os altos índices de evasão escolar, decorrentes do abandono e/ou desistência dos estudantes, guardam fortes relações com as práticas de assédio moral experimentadas nos espaços de sala de aula ou nas relações de orientação.

O contato cotidiano com jovens universitários permite-nos afirmar que muitos depositam toda a esperança do seu futuro na realização de um curso superior, mobilizados pelo desejo de obter uma formação profissional que amplie suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho. E, se há alguma pertinência na afirmação, podemos dimensionar o nível de sofrimento vivenciado por estudantes que passam pela experiência de assédio moral e em função disso desistem do seu “sonho”. É, no mínimo, desconcertante assistir às frequentes e repetidas atitudes de hostilidade e agressão que ferem a dignidade e a autoestima dos estudantes vítimas de seus professores, mediante palavras, gestos e atitudes que desqualificam ou mesmo desautorizam sua permanência no espaço universitário, com o argumento de que não têm qualificações ou não possuem capacidade cognitiva para realizar um curso universitário.

É sobre essa temática que nos propomos refletir na tentativa de compreender o sentimento de mal estar que tem pairado nas salas de aula e nos corredores de nossas universidades; um mal estar que atinge todos os atores participantes desse ambiente que se torna doentio, pois todos, direta ou indiretamente, passam a conviver com as tensões e os desgastes emocionais decorrentes das experiências de desilusão, entristecimento e adoecimento provocados pelo assédio moral no ambiente universitário. Neste sentido, nunca é demais lembrar as proposições do educador Paulo Freire:

“Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (FREIRE, 1996, p. 26).

2. O encontro com os estudantes vítimas de assédio moral na UFAL: aspectos teóricos e metodológicos

Apresentaremos nesse tópico, o percurso metodológico para definição da amostragem não probabilística⁴, dos estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação da UFAL, que compuseram o universo amostral de nossa pesquisa. Dos 52 cursos de graduação existentes na UFAL, no momento de coleta dos dados, sorteamos três cursos da área das ciências humanas, três cursos na área das ciências exatas e três cursos da área das ciências da saúde, respectivamente, Ciências Sociais, História e Música; Matemática, Química e Meteorologia; e, Medicina, Odontologia e Nutrição.

Para garantir uma amostragem longitudinal de nossos entrevistados, sorteamos de cada curso, cinco turmas de períodos distintos, a partir do segundo semestre⁵. Identificamos, através das coordenações dos cursos, a localização das salas de aula das turmas sorteadas e iniciamos a peregrinação em busca dos estudantes assediados na UFAL. Nossas visitas às turmas sorteadas foram gerando frustrações e desestimulando a equipe, em função das dificuldades de localização das salas, além do fato de algumas turmas terem um número muito reduzido de estudantes. Somado a esse fato, iniciamos a aplicação dos questionários num momento de conclusão do período letivo⁶, em que muitas turmas já haviam concluído o semestre. Resolvemos, então, mudar a estratégia da coleta de dados conseguindo autorização junto à PROGRAD (Pró-Reitoria de Graduação) para envio de e-mails a todos os estudantes matriculados nos cursos que foram sorteados, ampliando assim, aleatoriamente, o universo amostral de nossa pesquisa. Encaminhamos, juntamente com o questionário, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde apresentávamos

os objetivos da pesquisa, esclarecíamos que não haveria prejuízo algum para os estudantes que se dispusessem a participar da pesquisa, inclusive porque garantíamos a preservação do anonimato dos informantes.

Entre os questionários que foram respondidos, inicialmente, a partir da busca ativa dos bolsistas nas salas de aula, e, posteriormente através dos e-mails enviados para os estudantes dos cursos selecionados, obtivemos um total de 516 questionários respondidos com representação de todos os cursos que tomamos como base de nossa amostragem. Deste total de respondentes, 194 eram estudantes do sexo masculino e 322 do sexo feminino. Uma percentagem de 75,7% desses concentravam-se, à época da coleta dos dados, na faixa etária entre 18 a 24 anos. Segue a distribuição do número de estudantes que responderam os questionários, especificando os seus cursos:

Tabela 1. NÚMERO DE ESTUDANTES POR CURSO

Cursos	Número de estudantes que responderam os questionários
ciências Sociais	2
história	5
música ⁷	
matemática	5
química	1
meteorologia	5
medicina	2
odontologia	1
nutrição	1
TOTAL	16

Fonte de dados: Pesquisa realizada pelos bolsistas do PIBIC/CNPq vinculados ao Projeto

Considerando a possibilidade de muitos estudantes não saberem o que seria assédio moral, apresentamos, logo no início do questionário, o conceito de assédio moral definido por Hirigoyen (2006) nos seguintes termos: “Assédio moral é qualquer conduta abusiva (gestos, palavras, comportamento, atitude) que atente, por repetição ou sistematização, contra a dignidade ou integridade psíquica ou física de uma pessoa, ameaçando seu emprego ou degradando o clima de trabalho” (HIRIGOYEN, 2006, p. 17). Mesmo reconhecendo que o termo assédio moral foi cunhado para pensar as situações de abuso de poder e constrangimentos vivenciados em relações circunscritas na esfera do trabalho, ressignificamos o termo para pensar o assédio moral no espaço educacional, apresentando aos estudantes a seguinte conceituação: “No caso de assédio moral no espaço universitário, identificamos como sendo ações que ameaçam o ambiente de aprendizagem, criando um clima degradante produzido pelo desrespeito ao estudante em forma de ameaça, constrangimento, humilhação, sofrimento, abuso de poder, agressão verbal entre outras práticas que ferem a dignidade do mesmo”.

Após esses esclarecimentos conceituais, solicitamos que os estudantes afirmassem se já haviam sido vítimas de assédio moral no espaço de sala de aula ou se conheciam alguém que já havia sofrido esse tipo de experiência na universidade. As outras questões presentes no questionário eram específicas para quem afirmava já ter sido vítima de assédio moral, e para quem afirmava conhecer pessoas que haviam sido vítimas dessa prática na universidade⁸. Os que afirmavam inicialmente que não tinham sido vítimas, nem conheciam pessoas que tinham sido vítima de assédio, ficavam dispensados de responder o restante do questionário.

Assim, buscamos identificar uma tipologia das formas de assédio moral existentes no espaço universitário identificando o sexo do agressor, as práticas cometidas pelo agressor, os efeitos produzidos na vida acadêmica e pessoal do estudante, a reação que tiveram ao vivenciarem o assédio, entre outras questões que nos ajudam a compreender a complexa dinâmica que envolve a relação entre um professor assediador e um estudante que se torna vítima desse assédio. Ao final do questionário, perguntávamos se os estudantes

gostariam de participar de uma entrevista para fazer um relato mais pormenorizado da experiência de assédio moral vivenciada. Os que aceitavam o convite deixavam o contato (e-mail ou telefone) para um encontro posterior com um dos bolsistas para realização da entrevista em profundidade. Do total de estudantes que responderam aos questionários, apenas 20 deixaram seus contatos para realização das entrevistas. As justificativas mais frequentes (81%) para não deixar o contato foram: o temor de sofrer represálias e o desejo de esquecer o trauma vivenciado.

Mesmo considerando que já não se trata de uma realidade desconhecida pelos vários atores que participam do ambiente universitário, a problemática do assédio moral ainda é pouco estudada, ou mesmo subestimada, no universo acadêmico⁹. Como assinalamos, os estudos pioneiros, relativos à temática, focalizaram o assédio moral no espaço do trabalho, particularmente, no cotidiano das empresas. São raros os trabalhos que abordam essa temática na esfera educacional, mas, a própria mentora desta expressão (assédio moral), a psicanalista e vitimóloga Marie-France Hirigoyen, reconhece que, a despeito de este fenômeno atingir mais diretamente as empresas, as administrações públicas e os setores de serviços (comércio, bancos etc), é muito comum encontrarmos práticas de assédio moral nos espaços das escolas e das universidades.

“Podemos encontrá-los (os processos perversos de assédio moral) em todos os grupos em que os indivíduos podem entrar em rivalidade, particularmente nas escolas e universidades. A imaginação humana é ilimitada quando se trata de matar no outro a boa imagem que tem de si mesmo; mascaram-se, assim, as próprias fraquezas e pode-se assumir uma posição de superioridade” (HIRIGOYEN, 2000, p. 42).

O assédio moral presentifica, em todos os encontros estabelecidos entre a vítima e o algoz, situações de desrespeito e ameaça à integridade física e psíquica dos sujeitos assediados. Teoricamente, as situações de assédio podem acontecer onde quer que existam sujeitos em relações sociais e interpessoais, nos espaços públicos e privados, que compõem o tecido da sociedade. Os estudos revelam que o assédio moral pode acontecer entre sujeitos que estabelecem relações verticais (patrão-empregado, professor-estudante, administrador-servidor, etc), ou entre sujeitos que estabelecem relações horizontais (entre colegas de serviço, entre professores, entre estudantes, entre servidores, entre irmãos etc)¹⁰. No caso de nosso estudo, focalizamos exclusivamente o assédio moral que acontece nas relações verticais descendentes estabelecidas entre professores e estudantes, ainda que saibamos da existência de situações em que alguns professores são vítimas de assédio por parte dos estudantes (assédio vertical ascendente) ou por parte de seus pares (assédio moral horizontal). Não desconsideramos, também que existe situações de assédio moral em que os próprios estudantes fazem seus pares vítimas de assédio moral (assédio horizontal).

Chamamos atenção para a gravidade do assédio moral produzido por professores que não respeitam o espaço educacional, onde acontece uma relação assimétrica de alteridade hierárquica entre professor-estudante, que deveria ser pautada no respeito, na ética e na responsabilidade. Quando o assediador ataca os estudantes com palavras, gestos e atitudes agressivas, destrutivas, perniciosas, humilhando-os, constrangendo-os, ridicularizando-os, desmoralizando-os e desrespeitando-os no espaço universitário, produzem profundas decepções, pois, na verdade, o estudante ingressa na universidade com o único objetivo de obter uma formação profissional digna e competente, para realizar aquele “sonho” a que nos referimos anteriormente, e não para vivenciar cenas de violência e desrespeito. É evidente o desapontamento vivenciado por esse jovem universitário:

“Eu ficava deprimido porque eu achava que através da minha faculdade eu poderia ter uma vida, entendeu? Ter minha independência financeira, construir uma família, etc. por meio da minha faculdade, entendeu? Minha oportunidade de ser gente, de ser alguém na vida, né? Então, eu ficava triste por causa disso, porque era o meu passaporte para uma vida melhor. E, infelizmente, naquele momento... as

humilhações e as tristezas, meus problemas pessoais fizeram que eu ficasse ... parasse até... eu parei até de ter vontade de viver, eu fiquei em depressão. Uma coisa assim, que eu nunca imaginei que eu ficasse assim por causa de um professor. Por causa de um negócio desse, entendeu? Ficar sem vontade de viver e tal”

O efeito destrutivo do professor na vida desse estudante de um curso das ciências exatas fica absolutamente patente em seu relato. Suas dificuldades começaram porque o professor, percebendo suas dificuldades na resolução das questões de uma prova, começou a afirmar que ele não tinha condições de estar fazendo um curso universitário.

“Antes eu ficava muito triste. Eu fiquei meio depressivo; passei um ano sem querer ir para a UFAL, porque achava que era muito difícil. Porque achava que não era para mim. Pelo fato de não ter sucesso, de ser humilhado, dizer: ‘puxa, eu sou um burro’. Realmente, isso criou um negócio na minha cabeça assim: ‘realmente eu sou um burro, porque, se eu fosse inteligente, se eu fosse capaz, eu conseguiria fazer. Se o professor, que tem doutorado, e está dizendo que eu não sou capaz, então, eu acho que não sou capaz mesmo. Então, isso ficou na minha mente por muito tempo”.

A palavra de um professor diante de um estudante tem o efeito de uma verdade. Para o bem ou para o mal, a alteridade de um professor pode, efetivamente, ser decisiva para os caminhos, descaminhos e os rumos da vida acadêmica de um estudante. Esse reconhecimento também foi alertado por Paulo Freire:

“O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca” (FREIRE, 1996, p. 73).

O que Paulo Freire destaca com essas reflexões é exatamente esse lugar de alteridade que o educador ocupa na vida de um educando. E, nessa posição de suposto saber, entende que um educador pode produzir operações subjetivas extraordinárias na vida de um estudante, acolhendo suas dúvidas, incentivando a busca do conhecimento e a superação dos seus limites, estimulando o interesse pelo novo e pelo desconhecido, instigando a curiosidade pelo saber, dirigindo palavras amorosas no lugar próprio de um educador que também se reconhece como um ser inacabado.

Nessa perspectiva, o educador não tem o direito de castrar a curiosidade do educando, de tolher a sua liberdade e sua capacidade de aventurar-se na busca e na descoberta do conhecimento. Um educador jamais pode repreender um estudante com acusação de que o mesmo formulou uma pergunta tola ou inadequada; um educador não pode ridicularizar um estudante quando o mesmo revela algum desconhecimento sobre determinada matéria; um educador não pode, não está autorizado, por hipótese alguma, a desmoralizar um estudante diante de suas possíveis insuficiências ou limitações, negando a óbvia realidade de que ele (o estudante) está na universidade exatamente para aprender. Paulo Freire nos ajuda a entender o que significa essa posição de alteridade assumida por um professor na vida de um estudante, partilhando conosco um caso de sua vida pessoal:

“Às vezes, mal se imagina o que pode passar ao representar, na vida de um aluno, um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à formação do educando por si mesmo. Nunca me esqueço, na história longa de minha memória, de um desses

gestos de professor que tive na adolescência remota. Gesto cuja significação mais profunda talvez tenha passado despercebida por ele, o professor, e que teve importante influência sobre mim. (...) O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuiu à minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim, mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar. A melhor prova da importância daquele gesto é que dele falo agora como se tivesse sido testemunhado hoje. E Faz, na verdade, muito tempo que ele ocorreu...” (FREIRE, 1996, p. 47/48).

No jogo das relações sociais e interpessoais, os gestos e expressões de reconhecimento e reciprocidade são decisivos para situar o sujeito no mundo, para significar a condição de aceitação ou rejeição, de inclusão ou exclusão, de acolhimento ou recusa. Todos esses afetos são transmitidos e significados a partir dos processos de interação que acontecem numa sala de aula; portanto, um olhar cuidadoso, uma escuta atenta, um gesto de delicadeza e gentileza que expressem a importância que o estudante tem para o professor poderá fazer toda a diferença na condução de um processo educacional.

Um estudo realizado por Coleta e Miranda (2010), com uma amostragem de seis instituições de ensino superior, públicas e privadas, no Estado de Minas Gerais, construiu uma categorização do que seria assédio moral no espaço educacional a partir dos relatos de 1.132 estudantes universitários. As autoras sintetizaram 12 expressões de assédio moral identificadas pelos estudantes, quais sejam: “1. Agressão física; 2. Agressão verbal aos alunos; 3. Ameaças aos alunos; 4. Acusação agressiva e sem provas; 5. Assédio sexual; 6. Comentários depreciativos, preconceituosos ou indecorosos; 7. Tratamento discriminatório e excludente; 8. Rebaixamento da capacidade cognitiva; 9. Desinteresse e omissão; 10. Uso inadequado de instrumentos pedagógicos, prejudicando os alunos; 11. Recusa em realizar seu trabalho; 12. Abandono do trabalho em sala de aula”.

Achamos importante apresentar essa categorização porque ela foi construída a partir dos relatos dos estudantes que vivem o cotidiano da vida universitária, e que conhecem essa realidade, seja porque presenciam situações em que seus colegas foram vítimas de assédio, seja porque eles próprios já foram vítimas de tal agressão. Com esse acúmulo de informações fruto de nossas pesquisas, conseguiremos ir construindo uma tipologia das várias formas e expressões do assédio moral existentes no espaço educacional, identificando especificidades deste fenômeno no universo educacional. É importante considerar que muitos profissionais da educação, assim como muitos estudantes, ainda têm dificuldade de reconhecer, ou mesmo nomear, como sendo assédio moral, as experiências de dor e sofrimento provocadas pelas agressões, humilhações e constrangimentos produzidos por professores universitários. Também é possível que muitos ainda subestimem a dramaticidade desta realidade que produz sentimentos de angústia, sensação de aniquilamento subjetivo e forte sofrimento existencial.

Gostaríamos de argumentar em defesa de um aspecto que imprime certa especificidade nas experiências de assédio moral circunscritas na relação entre um professor assediador e um estudante. Vários autores (ALKMIN, 2007; NASCIMENTO, 2009; VIEIRA, 2008), seguem à justa proposição de Hirigoyen (2006) quando adverte que uma das condições para se caracterizar uma prática de assédio moral seria o elemento da repetição, da sistematicidade e da persistência das ocorrências de atos, atitudes e palavras que ferem a dignidade do sujeito, com agressões, humilhações e constrangimentos nos espaços de trabalho. Considero que, ao assumir uma posição de autoridade e alteridade diante do estudante, um professor não

precisaria desferir mais um ou dois golpes de agressividade perversa contra o mesmo para que este fique marcado por toda a sua vida acadêmica.

A exposição de um estudante a situações vexatórias em sala de aula, por exemplo, desqualificando-o com palavras toscas e irônicas, em função de uma pergunta que o professor inadvertidamente interprete como banal, expondo o estudante em sala de aula, pode feri-lo de morte em sua autoestima e autoconfiança, marcando-o para sempre e por todo o seu percurso universitário. Defendo a ideia de que essa experiência de constrangimento pode fazê-lo calar para sempre no espaço de uma sala de aula; entendo que uma única experiência de constrangimento e desrespeito pode silenciá-lo para sempre. Esse silêncio pode ser interpretado como sua tentativa de tornar-se invisível, imperceptível, inacessível ao professor que lhe maltratou; assim como também, pode ser uma estratégia para evitar que outros cometam a mesma atrocidade. O silêncio, portanto, pode ser uma estratégia de defesa para evitar novos traumas, para não ser mais uma vez ferido em sua dignidade diante de sua turma. Por essa razão, argumento que apesar da repetição e da sistematicidade serem decisivos, porque produzem o “efeito cumulativo dos micro-traumatismos frequentes e repetidos” (HIRIGOYEN, 2006, p. 17) que aniquilam a subjetividade da vítima, entendo que é possível que uma única experiência seja suficiente para se caracterizar assédio moral por parte de um professor.

“A sala ficava muito tensa (...) e eu era a que demonstrava mais nervosismo pelo fato de eu não gostar de falar em público. Eu mostrava muito esse nervosismo e ela pegava muito no meu pé e chegou um tempo em que tive que ir até para o psicólogo. (...) Ela soltava piadinhas e era ignorante, agressiva verbalmente. (...) Eu ficava nervosa, apreensiva, triste porque eu sabia que não ia conseguir terminar aquela disciplina; teria que trancar; e foi o que aconteceu. [essa experiência] refletiu bastante na minha vida, tanto que tive que frequentar o psicólogo; porque, por exemplo, nos seminários, quando eu sabia que na próxima semana seria o meu seminário, eu ficava nervosa a ponto de não conseguir dormir, só pensando... e isso faz com que a gente não tenha um bom desempenho na disciplina. Quem consegue apresentar um seminário com medo?” (Estudante do sexo feminino de um curso das Ciências Humanas)

Os estudantes percebem os professores que os assediam como pessoas arrogantes e prepotentes; sentem que a sua indisposição ou “impaciência” em relação às dificuldades de aprendizagem dos estudantes têm a ver com a sua incompetência didática e pedagógica. Nessa conjuntura, o processo educacional, que pressupõe um convívio pacífico e respeitoso, pautado numa relação dialógica, consubstanciada em vínculos de reconhecimento e confiança, fica absolutamente comprometido. Sem essa confiança, os estudantes não se sentem seguros para perguntar sem medo, não se sentem livres para revelar suas dúvidas e possíveis fragilidades. As exigências em relação à qualificação e à busca pela excelência acadêmica, evidentemente, são muito bem vindas e importantes para o engrandecimento da vida acadêmica, mas, precisam vir acompanhadas de princípios éticos e humanitários. Nada justifica, portanto, os tratamentos desrespeitosos e desamorosos relatados pelos vários estudantes que participaram de nossa investigação.

3. Uma tentativa de conclusão: notícias do mal-estar no ambiente universitário

Para concluir, trazemos alguns dados, em termos numéricos, das experiências de assédio moral relativas aos estudantes matriculados nos cursos da área das ciências da saúde¹¹. Começamos por esclarecer que dos 516 informantes, 244 eram estudantes vinculados aos cursos na área das ciências da saúde.

Obtivemos uma amostragem representativa, em termos longitudinais, porque conseguimos obter informações de estudantes que estavam cursando desde o 2º semestre até 11º semestre, além de alguns concluintes. A faixa etária dos informantes variou de 17 até 34 anos de idade. O número de estudantes que

afirmam estarem sofrendo ou terem sofrido assédio moral no espaço da universidade foi bastante significativo, como podemos conferir na tabela abaixo:

Tabela 2. Estudantes vítimas de assédio moral na área das ciências da saúde

Curso	Nº de Estudantes responderam questionário	Já foi vítima de assédio moral	Está sendo vítima de assédio moral	Já fui e estou sendo vítima	Total
Medicina	92	44	4	1	49
Odontologia	91	15	1	0	16
Nutrição	61	18	0	0	18
Total	244	77	5	1	83

Fonte de dados: Pesquisa realizada pelos bolsistas do PIBIC/CNPq vinculados ao presente Projeto

Consideramos extremamente relevante o número de estudantes, desse universo selecionado, que reconhecem terem sido ou estarem sendo vítimas de assédio moral na UFAL. Registramos que 83 (34%) de estudantes do universo total de 244 informantes, vinculados à área das ciências da saúde, estão sofrendo os efeitos da experiência de assédio moral na sua vida acadêmica.

Diante de tão alto índice de casos registrados, gostaríamos de argumentar que mesmo os estudantes que não sofreram diretamente o assédio moral, ficam afetados pela experiência vivenciada pelo colega, pelo simples fato de partilhar do mesmo ambiente em que aconteceu a prática assediadora. É inevitável que os estudantes se projetem na situação de sofrimento e humilhação vivenciada pelo colega, temendo ser a próxima vítima.

Em relação aos agressores da área das ciências da saúde, identificamos que majoritariamente são professores do sexo masculino, sendo responsáveis por 66,26% das agressões registradas em nossa amostra. Com relação ao ambiente em que ocorre a prática do assédio moral, um total de 94% dos informantes afirma terem sido vítimas no espaço de sala de aula.

Com relação às consequências vivenciadas em função do assédio, identificamos que dos 83 estudantes, que reconhecem terem sido vítimas de assédio moral, 29 acusam que não sofreram maiores efeitos em suas vidas; enquanto 54 (65,1%) declararam ter sofrido consequências em função da experiência do assédio. Desses, o maior número, 51,8% afirmam que tiveram problemas psicológicos, que envolvem: desmotivação, estresse psíquico, medo de se expressar, perda de estímulo, pressão psicológica, ansiedade, depressão entre outros. Deste mesmo universo, 33,4% declaram que tiveram problemas em relação à matéria ministrada pelo agressor, sendo que destes, 27,7% afirmam que experimentaram dificuldade em relação ao aprendizado, obtendo notas baixas e até perdendo a disciplina; ainda registramos que 13% dos estudantes pensaram em desistir do curso.

O recorte dos dados apresentados neste artigo é expressivo da magnitude do problema do assédio moral no espaço universitário. Trata-se, portanto, de algo que não pode ser negligenciado nem muito menos naturalizado pelos que fazem a academia, como se o sofrimento decorrente das humilhações fizesse parte de um “rito de passagem” que contribui para o crescimento e o fortalecimento emocional dos estudantes. O nome que se dá a esse tipo de experiência (de assédio moral) não pode ser outro a não ser: violência e perversidade.

4. Referências

ALKIMIN, Maria Aparecida (2009). Assédio Moral na relação de trabalho. 2º Edição. Curitiba: Juruá.

COLETA e Miranda (2010). O rebaixamento cognitivo, a agressão verbal e outros constrangimentos e humilhações: o assédio moral na educação superior.

http://www.assediomoral.org/IMG/pdf/Artigo_O_Assedio_moral_na_Educacao_Superior_Colleta_e_Miranda.pdf.

FREIRE, Paulo (1996) *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Ed. Paz e terra.

FREUD, Sigmund. (1997). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro. Imago.

HIRIGOYEN, Marie-France (2006). *Mal estar no Trabalho. Redefinindo o assédio moral*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

MARTINS, Moraes e Lima (2010) “Sofrimento, defesa e patologia: o olhar da psicodinâmica sobre a violência no trabalho”, in *Violência no Trabalho: perspectivas da psicodinâmica, da ergonomia e da sociologia clínica*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

NASCIMENTO, Sônia Mascaro (2009). *Assédio Moral*. São Paulo: Saraiva.

PAIXÃO, Roberto Brasileiro et all (2009). *Comportamentos negativos no contexto acadêmico: uma análise da relação professor-aluno*. Anais do XXXIII Encontro da ANPAD.

¹ Há, em todo ser humano, pulsões de vida (que tendem ao amor) e de morte (que tende à destruição), que definem suas ações, numa tensão marcada por movimentos ambíguos e contraditórios em todas as suas dimensões. A pulsão de morte se expressa nos atos de destruição e agressão; a pulsão de vida nos atos de preservação e conservação. Para Freud, a vida poderia ser explicada pela ação “concorrente ou mutuamente oposta” dessas duas pulsões (de vida e de morte) (ver FREUD 1997, pág. 77) que “raramente aparecem isoladas” uma da outra, mas estão sempre “mutuamente mesclados em proporções variadas e muito diferentes, tornando-se assim irreconhecíveis para o nosso julgamento” (FREUD 1997, pág. 78). Estas reflexões produzem resistência não só no campo social, mas também no espaço psicanalítico, pois “as criancinhas não gostam quando se fala na inata inclinação humana para a ruindade, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade” (FREUD 1997, pág. 79).

² As reflexões sobre o fenômeno da servidão voluntária (ver Martins, Morais e Lima, 2010, p.32), que originalmente foi pensado com o objetivo de compreender o porquê dos trabalhadores se adaptarem e se conformarem com às vivências de violência no espaço do trabalho, podem, perfeitamente ser transportadas para a análise da “adesão” dos estudantes às situações de assédio moral, assumindo uma postura servil, consentindo com as práticas que lhe produzem dor e sofrimento, como uma estratégia de defesa, como um recurso para garantir seu lugar no espaço universitário.

³ Registro a significativa participação dos bolsistas Marcelo da Silva Oliveira (Curso de Ciências Sociais) e de Maísa Joventino dos Santos (Curso de Psicologia)

⁴ Apesar de trabalharmos com números, nossa pesquisa tem um viés eminentemente qualitativo, sendo o que nos desobriga de seguirmos os procedimentos metodológicos, matemáticos, para definição de uma amostragem probabilística, sem comprometer a validade científica do nosso trabalho.

⁵ Não incluímos turmas de estudantes que estavam cursando o primeiro período em nossa amostragem, por supormos que os mesmos não teriam tempo de vivência universitária suficiente para ter registros de assédio moral.

⁶ Só iniciamos o trabalho de campo após a aprovação do Comitê de Ética da UFAL, que por questões operacionais, retardou muito a emissão do parecer favorável à realização a pesquisa. Precisávamos da aprovação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi apresentado e assinado por todos os estudantes que concordaram em participar da pesquisa. Somado a isso, ainda tivemos problemas resultantes das greves e paralizações dos docentes durante o ano de 2010.

⁷ O baixo índice de estudantes do curso de música deve-se ao fato deste Curso funcionar em sede fora do *campus* A.C Simões, distante do espaço onde nossos bolsistas frequentam na Universidade. Além disso, o horário de funcionamento do curso de música era incompatível com as possibilidades de deslocamento dos nossos bolsistas.

⁸ Um total de 197 estudantes afirmam estarem sendo vítimas, ou já terem sido vítimas, de assédio moral na universidade; e 59 afirmam terem presenciado colegas serem vítimas de assédio moral.

⁹ Essa também é a compreensão de Paixão et al (2009):“Especificamente em relação a Assédio Moral no ambiente acadêmico, destaca-se a pouca exploração do tema. Apesar do meio acadêmico brasileiro ser propício à existência de Assédio Moral (HIRIGOYEN, 2002a; ALMEIDA, LAGEMANN E ARAÚJO, 2007), os pesquisadores ainda não despertaram para a investigação do fenômeno em seu ambiente de trabalho (BARRETO, 2005; CARAN, 2007).

¹⁰ Sobre as formas de assédio moral vertical (descendente e ascendente) e assédio moral horizontal ver os autores Alkimin (2009) e Hirigoyen (2006).

¹¹ Não temos espaço suficiente para tratar todos os dados coletados na pesquisa, mas acreditamos que esses são representativos do estudo realizado.